

ANNO VIII - N. 106 - COPIA 200
DIRETTORE RESPONSABILE:
NICOLA CILLA
 Sede del giornale:
 Rua José Bonifácio, 41 - sobrado
 Per corrispondenza:
 CAIXA POSTAL 140 - S. PAULO

La Difesa

ORGANO SETTIMANALE DELL'ANTIFASCISMO

UN SEMESTRE UN ANNO 10000 20000 S. PAULO 20 GIUGNO 1931 PER INSERZIONI DI PUBBLICITA' RIVOLGERSI DIRETTAMENTE ALL'AMMINISTRAZIONE

Leggete in quarta pagina la sottoscrizione. Essa non è soltanto un semplice fatto amministrativo; essa costituisce un plebiscito morale e politico.

Il nostro giornale, che rende i suoi modesti rendiconti mese per mese, è sostenuto da migliaia di antifascisti che contribuiscono come possono alla sua vita.

Sono colonne e colonne di nomi — di operai, di contadini, di professionisti: sempre di lavoratori — di tutte le nazionalità: brasiliani, spagnoli, portoghesi, francesi, italiani.

E' una imponente rassegna di adesioni alla nostra campagna; è un commovente omaggio internazionale al nostro foglio di battaglia!

As causas reaes do conflicto entre Vaticano e fascismo

Depois da guerra, quando um plebiscito augmento do socialismo pareceu subterrer de um momento para outro a Italia, surgiu o "Partido Popular", chefiado por Don Sturzo, que, ainda uma vez, salvou a burguesia e as classes conservadoras.

Agora, se tudo isto pelos altos dirigentes era uma ficção, um artifício, um unico escopo de salvar os proprios privilegios, não se pode negar que uma parte relevante da massa, e boa numero dos dirigentes mesmos, os mais cultos, agitados de boa fé. Prova seja que o dia em que o Fascismo iniciou a sua accção nefasta e criminosa para a conquista do poder, elles, como nós, desamavelmente se collocaram em frente dos assassinos fascistas e offereceram a causa da Justica, os seus martyres, aos quaes nós, adversarios leaes, devotamos o nosso respeito e a nossa admiração.

Homens e instituições catholicas não conseguiram salvar-se da sãbia farsa. Conviem lembrar, a este respeito, os syndacatos italianos, os populares, invalidos, incapacitados, destruidos; as cooperativas da Brianca (região natal do actual Pontifice), que contribuiu com meio milhão de liras para a reconstrução das mesmas; os Bancos catholicos, cujos administradores, legalmente eleitos, foram arbitrariamente despojados dos seus direitos; o Partido Popular

italiano violentamente suprimido; o Grupo Parlamentar deste Partido declarado decahido do seu mandato, com deliberação arbitrária e ilegal da maioria fascista; os homens melhores do movimento democratico christão exilados, como D. Sturzo, o prof. Ferrari, o dr. Donati, ou encarcerados e deportados, como o padre João Bevilacqua, capellão de guerra tres vezes condecorado, professor da Universidade de Louvain, autor de obras theologicas importantes e director de um Patronato de assistencia aos moços; como Monsenhor Protasio Gori, conego da Sé de Udine; como Mons. Carmello de Gaspero, arcipreste de Taranto; como Mons. G. M. Concina, arcipreste de Portofenone; como Mons. Giovanni Colin, arcipreste de Spilimbergo; como Mons. Solizzo, venerando octogenario, arcipreste de Gemonia; como padre Miami, parochia de Como; padre Galbiati, da Parochia de Inverigo; Mons. Maiona, arcipreste de Como; Mons. Rolandi, conego da Sé de Savona, etc. Sem lembrar os homens politicos condemnados á prisão ou deportação, como os deputados dr. Uberti de Verona, Gavazzuri de Bergamo, conde Meriggi de Sonfrio, advogado Tupini, deputado de Roma, e outros, e outros.

Todos estes factos e acontecimentos não podem ser esquecidos de um momento para outro, e vol-

tam cada vez mais vivos, insistentes; á memoria dos que, com sinceridade e boa fé, tinham abraçado as doutrinas da democracia christã e lutado para o seu triumpho.

E o Pontifice, o chefe supremo da Christandade, aliado de um athena de um inimigo da religião, O Pontifice, o continuador da obra de Leão XIII, autor da encyclica *Rerum Novarum*, o Evangelho moderno da politica christã, apoiando o governo de quem tem destruido as organizações operarias fundadas pelos catholicos, de quem tem perseguido, encarcerado, assassinado os apostolos da boa novella annunciada aos desherdados da sorte!

A insubmissão começava a manifestar-se nas fileiras geralmente humildes dos crentes na infalibilidade do supremo jerarcha do catholicismo. Precisava pôr cobro a este perigo.

Doutro lado, tambem, entre as hostes fascistas começavam a manifestar-se rumores de rebeldia. Não todos os adeptos do littorio eram favoraveis á entente com o Vaticano. Grande parte da multidão fascista vem da extrema esquerda, das fileiras do anarchismo, do syndicalismo revolucionario, do anticlericalismo mais rubro, e mal podia adaptar-se ao lado dos Federzoni e companhia, criaturas dos jesuitas.

O choque era inevitavel. E deu-se exactamente nestes dias com a

tão falada vertencia entre o Vaticano e o Fascismo. Mais do que outro, foi esta a consequencia de um mal estar interno das duas hostes, um desequilibrio que procurava a sua estabilidade. O Pontifice, homem pratico, como é, aproveitou a occasião para tirar ainda alguns lucros, além dos conseguidos com o Tratado de Latrão. Na solução do presente conflicto a Italia fascista sabira mais estritamente amarrada ao carro pontificio. No entanto já se fala de alguns milhões que o governo pagará para compensar os danos produzidos pelas violencias fascistas ás propriedades e bens dos catholicos.

Esta solução poderá agrada e satisfazer aos magnatas da Igreja Catholica. Mas acontecerá o mesmo com a multidão dos crentes, com os que sinceramente esperam da Igreja o triumpho da justica pregada pelo martyr do Calvario? Os crentes sinceros poderão continuar ao lado dos que da religião fazem um simples negocio? Os admiradores de Dom Minzoni, o heroico padre que cabiu numa rua deserta, alta noite, com a cabeça esmagada pelos cacetes fascistas, poderão ajoelhar-se e levantar a sua prece ao lado dos sequazes e admiradores de Dom Antonio Cerbella, o missionario do Fascismo no Brasil?

Estranham os brasileiros o que estamos dizendo? Não é nossa in-

venção; tiramos de um jornal fascista "Il Mattino Illustrato", de Naples, anno VII, n. 33, 18-25 de agosto de 1930, pag. 526, col. 2.ª, que, sob o titulo: *Missionarios italiani em países longinquo*, ao lado da photographia deste senhor Dom Antonio Cerbella, escreve:

"E' este o padre prof. Dom Antonio Cerbella, de Rossano Calabro (Cosenza), residente em Bello Horizonte, Capitel de Minas Geras (Brasil), que desde mais de seis annos, POR MANDATO EXPLICITO DO PARTIDO DESEN-VOLTE NA TERRA LATINA DO BRASIL, UMA ACTIVA PROPAGANDA NACIONAL E FASCISTA.

"Orador effiz e elegante passa através das comunidades dos nossos patricios, como uma pobre chamma dos mais bellos ideos da Patria e é para todos os nossos emigrados um fio gentil e tenaz de união sentimental.

"Da sua obra catholica precisa destacar a genial construção dum solenne templo religioso, que é meta de incessantes peregrinações por parte dos fieis e monumento immortelando da sua paixão missionaria e do seu zelo sacerdotal."

O que fica ainda de religioso num individuo que, em nome duma religião, se torna instrumento dum partido politico de assassinos em terra estrangeira? E que pensam, que juizo fazem os fieis brasileiros deste sacerdote que vem fazer na patria delles a propaganda fascista, isto é, propaganda de violencia e de crime, por mandato explicito de um governo estrangeiro?

A resposta aos brasileiros.

DA GUARIBA

Ma não se trata ao de Pio XI e de Mussolini, das jerarchias do Vaticano e do Fascismo. Ha algo de mais importante em jogo, ha as massas que hoje não são mais completamente cegas e não se deixam mais enganar, como aconteceu nos seculos passados. E o conflicto presente que, á superficie, se desenvolve entre o Vaticano e o Fascismo, na realidade tem razoes mais profundas, especialmente por parte do elemento religioso.

Quarenta annos atrás, mais ou menos, na Italia, quando o socialismo, nos ultimos annos do seculo passado e nos primeiros do presente, caminhava de conquista em conquista, o partido conservador, de accordo com o Vaticano, criou a democracia christã, com programma socialisado, mas finalmente simplesmente de opposição ás conquistas do proletariado, no seio do qual trouxe a discórdia, em nome do principio religioso. O Papa Leão XIII, fino e astucioso, tratou e conseguiu esta tentativa no famoso encyclica *Rerum Novarum*, cujo quinquagesimo anniversario foi festejado nos dias passados. E uma forte massa de proletarios italianos reconhecem-se atraz dos laberos da democracia christã.

As discordias internas do Partido socialista primeiro, em seguida a guerra, neutralizaram as forças socialistas, e a democracia christã calou, por não ter mais função especifica de cumprir

APOSTOLO DE CHRISTO: ASSASSINADO!



PADRE JOÃO MINZONI
 Parochia de Argenta em provincia de Ferrara
 Multas vezes condecorado de guerra por actos de valor e de abnegação
 Professor, Escripitor, Apostolo, Fundador de recreos para crianças e cursos de instrução e educação para jovens
 Assassinado a cacetadas pelos camisas pretas ás ordens do "general" Italo Balbo na noite de 23 de Agosto de 1923

PROPAGANDISTA FASCISTA: EXALTADO!

MISSIONARI ITALIANI IN LONTANI PAESI

E' il padre prof. don Antonio Cerbella, da Rossano Calabro (Cosenza), residente in Bello Horizonte, capitale di Minas Geras (Brasil), che, da oltre sei anni, per esplicito mandato del Partito, svolge nella latina terra del Brasile attiva e fativa propaganda nazionale e fascista.

Parlatore forbito ed elegante passa attraverso le comunità di nostri connazionali, come una nobile fiamma evocatrice degli ideali più belli di Patria ed è per tutti i nostri emigrati un gentile e tenace anello di congiunzione sentimentale.

Della sua opera catholica va rilevata la costruzione geniale d'un solenne tempio religioso, che è meta di continuo pellegrinaggio da parte di fedeli ed è un monumento immortale della sua passione missionaria e del suo zelo sacerdotale.

PADRE ANTONIO CERBELLA
 Emigrado de Rossano Calabro
 Enviado ao Brasil pelo Partido Fascista
 Com mandato explicito de propagar o fascismo
 Emquanto na Italia os padres seus irmãos eram perseguidos e assassinados elle os abandonava em procura de sorte melhor
 Emquanto os fascistas assaltam e incendiam Associações Catholicas e Igrejas elle faz a propaganda do fascismo no Brasil

Considerazioni d'un operaio sul inomento politico italiano

Che cosa diranno ora del fascismo, quei preti che se ne mostrano così ferventi sostenitori, di fronte al subbuglio fra Vaticano e Governo?

Incominciano già dai pulpiti le parole di ammonimento: cambiare la canieira nera per la bianca...

Ieri, però, la predica era ben diversa: "Cristo in Cielo e Mussolini in terra!"

Il Papa, abilissimo, lasciava dire e fare sino a che il fascismo era forte e poteva trarne profitto e poi... quando ha compreso che rotolava verso la piena rovina, gli si è messo contro. Così, anche cambiando, l'alto seggio resterà sempre circondato dall'autorità di una volta. La mossa è da furbacchione. Il popolo... deciderà.

Perché il giorno della riscossa s'avvicina a passi giganteschi e lo spirito di Matteotti e di tutte le vittime grida giustizia!

Gli italiani che soffrono in silenzio nelle prigioni o nelle isole, gli esuli che faranno ritorno alla terra natale, ove finalmente si respirerà l'aria balsamica della libertà, sapranno uniti e concordi innalzare per sempre il rosso Vessillo, simbolo della Repubblica!

CONCISTRE'

Chiediamo scusa a quei collaboratori e inserzionisti che non vedono in questo numero apparire i loro articoli ed annunci di pubblicità: all'ultimo momento, abbiamo dovuto ritirare varia importante materia — che rinviemo al prossimo numero — per far posto ad alcune pubblicazioni impropragabili.

figure del giorno

Ernst Johannsen

Una scandola per i "socialisti marxisti" (per i fascisti insomma) di Hitler: un giovane tedesco è stato applaudito freneticamente in Francia, a Parigi!

La Deutsche Allgemeine Zeitung, grande giornale, e gli altri giornali e quotidiani minori fanno coro: antitedesco, antizionalista, anticomunista, antibolscevico.

Chi è questo?

La Lega Internazionale degli operai tedeschi (I.O.T.) ha avuto incaricato un giovane tedesco scrittore tedesco — Ernst Johannsen — alla S.A. di Berlino, in occasione della delusione, di un recente parlamento.



Ernst Johannsen non si ne metta: il suo stile si batte per il Socialismo. Da buon "socialista" per ora o per spirito di "fronte". Scritto: Intervista da un quotidiano liberale parigino che gli chiedeva le sue impressioni sulla Villa Lammere, avrebbe potuto dire: dopo gli applausi della "Salle Wagram", divenire cieppo l'entusiasmo dei francesi, solleticandoli nel loro punto debole. Invece, tutt'altro: Johannsen non si è lasciato abbattere dallo sfiorare dei boulevard. Ed ha risposto:

Dipende dal punto di vista o se mi parlo. Se mi trovo, alla sera, comodamente installato sui Campi Elisi; o se mi trovo in una povera, stretta viazza di vecchie case, casupole...

Se visito un quartiere operaio; o se c'è un palazzo di fronte al palazzo di fronte... Risposta profonda. Risposta socialista, che non sarà forse piaciuta ai "patrioti", che avrebbero preferito il solito ditirambo.

Li sono due Parigi, signori!... Socialista serio, dunque. Niente retorica, niente frivolezza. Sempre a Parigi, per esempio, ha voluto compiere un docer di partito, di militante, il suo dovere di buon antifascista: e si è recato a render visita ai vostri compagni della Concentrazione.

Per fortuna, si comincia a ragionare anche in Francia, ad accogliere queste idee, a plaudirle. Ed Ernst Johannsen, il "tedesco rinnegato", per gli hitleriani, gioca più alla causa della Germania che non tutti i "buoni patrioti". Perché gioca alla causa dell'umanità.

Ma chi è Ernst Johannsen? Una rivelazione della guerra, un "chi è", o, meglio, una intelligenza col la guerra impone una missione, oltre quella dell'arte — dell'arte

...furo, dell'estetismo — una grande missione... Si pace. Come, nel suo stesso paese, Eric Maria Remarque, come in Francia Henri Barbusse e Georges Duhamel, in Ungheria Andras Lutzko, in Romania Panait Istrati, in Nord America Upton Sinclair.

Remarque scrisse "Niente di nuovo all'est" e "Dopo". Striplin, successi editoriali, letture fantastiche, traduzioni in tutte le lingue. I suoi libri sono i problemi della guerra e della pace considerati dall'uomo, dall'uomo, stante una per il.

Un uomo equivo, meritata fortuna Johannsen ci ha dato il "Dietro l'angolo" e "Gli uomini in luce", il cui sottotitolo spiega la sua significata sociale del volume. La "dittatore, sei uomini in luce". Quest'ultimo, N. Johannsen proprio in questi giorni ha scritto un libro della "dittatura".

La "dittatura" però non solo è un libro del socialista, ma è un libro di lavoro di un uomo di lavoro, di un uomo di lavoro, di un uomo di lavoro.

L'invocazione finale di questo brano sembra quasi una profezia: sostituite ai termini "I mori moderni" quelli di "Fascismo e Monarchia" ed avrete nell'appello all'Unione tra repubblicani e socialisti — la vittoriosa realizzazione della Repubblica Spagnola.

E così sia per la Repubblica Italiana, ed anche, usando le parole stesse di Mazzini, per gli "Stati Uniti, liberi ed associati, d'Europa".

Parole scritte nel 1842. Parole che debbono ripetere nel 1931!

Esiste un malinteso fra gli uomini della Democrazia e i socialisti; e questo malinteso produce la scissura che rende possibile la dittatura bonapartista, e tiene tuttora divisa, in Europa, la classe media delle classi operaie. Questo malinteso consiste nell'aver confuso, si' gli uni che gli altri, i sistemi socialisti col pensiero sociale, col principio d'associazione.

Gli uni crederanno che il Socialismo consistesse in certe teorie assolute, presentate da alcuni pensatori; e siccome quasi sempre queste teorie movevano dal punto di vista governativo, e minacciavano colla loro uniformità regolamentare di sopprimere ogni personalità umana, quelli uni condannavano il socialismo in nome della libertà.

Gli altri crederanno che l'antagonismo della Democrazia verso i loro sistemi provenisse dalla negazione del loro principio fondamentale, e condannarono quindi la Democrazia, in nome dell'Associazione.

Questo malinteso esiste tuttora per gli uomini esagerati, che sempre si trovano in ogni partito: ma è però affatto mancante di base. Havvi un terreno comune abbastanza vasto, perché vi possiamo stare tutti uniti.

Per noi non esiste rivoluzione, che sia puramente politica. Ogni rivoluzione deve essere sociale, nel senso che sia suo scopo la realizzazione di un progresso decisivo nelle condizioni morali, intellettuali ed economiche della Società. E la necessità di questo triplice progresso, essendo più urgente per le classi operaie, ad esse anzitutto devono essere rivolti i benefici della rivoluzione.

E neppure può esservi una rivoluzione puramente sociale. La questione politica, cioè a dire, l'organizzazione del potere, in un senso favorevole al progresso morale, intellettuale ed economico del popolo, è tale che renda impossibile l'an-

E, per La Libertà, ha voluto scrivere un saluto, un augurio: Compagni! Voi siete stati cacciati da un regime di violenza, ma voi vedrete i grandi giorni della vittoria, come oggi li vedono i compagni di Spagna.

Tenete alto il vostro valore! Fraternalità nella lotta comune; e gli torna in Germania a combattere i tentativi del fascismo tedesco; noi, fuorusciti, secondiamo gli sforzi dei nostri migliori che, in Italia, lottano; soffrono; muoiono; e gli spagnoli già hanno vinto...

La ha ripetuto Johannsen, stringendo la mano ai nostri compagni di Parigi: "Dalla solidarietà di tutte le democrazie uscirà la pace, la libertà".

pagine scelte

Per l'unione repubblicana-socialista

Il brano che riportiamo è stralciato una lunga lettera di Giuseppe Mazzini a Ferdinando Garrido, scrittore spagnolo, studioso del socialismo scientifico che, dal Quarantotto, col Manifesto di Marx ed Engels, cominciava ad affermarsi.

Il Garrido, che aveva appunto scritto un libro sulle teorie socialiste, si era rivolto a Mazzini affinché lo esaminasse e gli esprimesse il suo parere. Il breve estratto che pubblichiamo sorprenderà i lettori per la sua... attualità. La tesi mazziniana è estremamente interessante, e può essere sintetizzata oggi in poche parole: REPUBBLICA E SOCIALISMO NON SI ESCLUDONO, MA SI COMPLETANO. I DUE TERMINI POSSONO E DEVONO ESSERE UNO COMPLETAMENTO DELL'ALTRO.

L'invocazione finale di questo brano sembra quasi una profezia: sostituite ai termini "I mori moderni" quelli di "Fascismo e Monarchia" ed avrete nell'appello all'Unione tra repubblicani e socialisti — la vittoriosa realizzazione della Repubblica Spagnola. E così sia per la Repubblica Italiana, ed anche, usando le parole stesse di Mazzini, per gli "Stati Uniti, liberi ed associati, d'Europa". Parole scritte nel 1842. Parole che debbono ripetere nel 1931!

Esiste un malinteso fra gli uomini della Democrazia e i socialisti; e questo malinteso produce la scissura che rende possibile la dittatura bonapartista, e tiene tuttora divisa, in Europa, la classe media delle classi operaie. Questo malinteso consiste nell'aver confuso, si' gli uni che gli altri, i sistemi socialisti col pensiero sociale, col principio d'associazione.

Gli uni crederanno che il Socialismo consistesse in certe teorie assolute, presentate da alcuni pensatori; e siccome quasi sempre queste teorie movevano dal punto di vista governativo, e minacciavano colla loro uniformità regolamentare di sopprimere ogni personalità umana, quelli uni condannavano il socialismo in nome della libertà.

Gli altri crederanno che l'antagonismo della Democrazia verso i loro sistemi provenisse dalla negazione del loro principio fondamentale, e condannarono quindi la Democrazia, in nome dell'Associazione.

Questo malinteso esiste tuttora per gli uomini esagerati, che sempre si trovano in ogni partito: ma è però affatto mancante di base. Havvi un terreno comune abbastanza vasto, perché vi possiamo stare tutti uniti.

Per noi non esiste rivoluzione, che sia puramente politica. Ogni rivoluzione deve essere sociale, nel senso che sia suo scopo la realizzazione di un progresso decisivo nelle condizioni morali, intellettuali ed economiche della Società. E la necessità di questo triplice progresso, essendo più urgente per le classi operaie, ad esse anzitutto devono essere rivolti i benefici della rivoluzione.

E neppure può esservi una rivoluzione puramente sociale. La questione politica, cioè a dire, l'organizzazione del potere, in un senso favorevole al progresso morale, intellettuale ed economico del popolo, è tale che renda impossibile l'an-

Ma in ogni caso, nel nostro paese od esuli, sopraffatti o vittoriosi, non ci sentiamo dispersi, non ci sentiamo più soli. Sappiamo, ne siamo certi, che la causa italiana non è più soltanto nostra, come le cause polacca, ungherese, portoghese. C'è — non più soltanto idealma effettivo ed operante — un patto sacro fra tutti i combattenti per la libertà nel mondo. E vinceremo.

La ha ripetuto Johannsen, stringendo la mano ai nostri compagni di Parigi: "Dalla solidarietà di tutte le democrazie uscirà la pace, la libertà".

tagonismo alla causa del progresso, è una condizione necessaria alla rivoluzione sociale.

E' necessaria all'operaio la sua dignità di cittadino, ed una garanzia per la stabilità delle sue conquiste nella via della libertà.

La parola d'ordine dei nostri tempi è l'Associazione, che deve estendersi a tutti.

Il diritto ai frutti del lavoro è lo scopo dell'avvenire; e noi dobbiamo adoperarci a rendere vicina l'ora della sua realizzazione. La riunione del capitale e dell'attività produttrice nelle stesse mani sarà un vantaggio immenso, non solo per gli operai ma per l'intera Società, poiché aumenterà la solidarietà, la produzione ed il consumo.

Le associazioni volontarie, moltiplicate indefinatamente, oltre ad riunire un capitale inalienabile, aumenteranno progressivamente e faranno concorrere al lavoro, libero e collettivo, un numero di operai ogni giorno maggiore.

Ciò è quanto io intendo esprimere colle due parole, egualmente sacre, che non cesso di ripetere: LIBERTÀ - ASSOCIAZIONE.

Forse che ciò non basta a farci unire nel lavoro come fratelli? Un solo passo nella realizzazione di questi due principi non si schiuderebbe egli un'ampia via per discutere tranquillamente le questioni secondarie?

Ecco quanto, se lo potessi, ripeterei ogni giorno ai miei fratelli di Spagna. Ecco quanto dovrete ripetere loro in mio nome: Libertà per tutti; progresso per tutti, associazione di tutti. Può egli esistere un vero democratico, che non s'inchini, nel fondo del suo cuore, davanti a queste tre termini eterni del problema della Umanità? La logica inflessibile non esige forse il lavoro associato di tutti, per acquistare, svolgere e consolidare il progresso e l'associazione?

Per quanto si voglia impedirlo, noi corriamo ad una crisi europea, simile a quella del 1848; sventurata la Spagna e sventurati noi tutti, se le severe lezioni che allora e negli anni seguenti abbiamo ricevute, non ci hanno insegnato ad unire le nostre forze per la prossima lotta! I vostri padri vinsero i Mori, non già dividendosi e questionando tra loro sull'importanza del Cristianesimo e dell'Indipendenza nazionale; li vinsero, perseverando uniti in una lotta eroica di 800 anni, e così ottennero finalmente il loro posto di popolo libero in Europa!

Riunitevi tutti adunque, o credenti nella Libertà e nell'Associazione, contro i Mori moderni, contro i nemici di queste due grandi idee, e sono certo che conquisterete il vostro posto fra gli Stati Uniti, liberi ed associati, d'Europa.

GIUSEPPE MAZZINI

libri liberi

NINA GURFINKEL

Il teatro russo contemporaneo

Non si tratta di uno studio storico-critico, complesso e completo, ma di un compendio, tale però da offrire una visione panoramica rapida, chiara, sicura. Opportunissima, anzitutto, l'introduzione, o meglio il capitolo iniziale, in cui l'autrice ci riporta alle origini, ai primi sforzi creatori e realizzatori: rassegna interessante, questa, specie per noi "occidentali" (per non dire... ignoranti) che ben poco conosciamo, e molto misconosciamo, dell'anima e della mente slava — e non diciamo poi dei popoli dell'Asia, che, per la "nostra civiltà", oltre la Russia, già malecorta... *hic sunt leones!* — e delle loro manifestazioni artistiche e intellettuali. Perciò la evocazione, sia pur sommaria, del periodo che diremmo del nascente del Teatro Russo, delle sue tradizioni e, via via, della sua evoluzione, offre ai lettori la chiave e la bussola per la sicura entrata e il chiaro orientamento alla interpretazione e alla comprensione del periodo moderno e contemporaneo.

Ma... noi dobbiamo sbrigarci. Ci limiteremo ad accennare a Mamontoff, il grande imprenditore ferroviario, che "scoperse" e "lanciò" Rimski-Korsakov, cui fece dare i suoi capolavori: Svegurovka, lo Zar Saltan, il Gallo d'oro. E fu sempre Mamontoff che rivelò il grande Scialapin... che era stato congedato dal Teatro Imperiale "per incapacità". E giungiamo a Stanislavski, l'innovatore, del quale la Gurfinkel, descrive in commose pagine — desunte anche dalle sue memorie — la vita di studi e d'affari nel mondo europeo. E Stanislavski stesso che racconta la sua premura nel Gabbiano di Cecov: "Il primo atto passa in un silenzio glaciale; gli attori eretano in un insuccesso. Poi al secondo, il pubblico, a poco a poco, si riscalda e si appassiona... e l'opera termina, coronata da una immensa ovazione!".

L'idea comincia, poi, a farsi sentire in Teatro. La rivoluzione artistica precorre, anzi, la Rivoluzione politica. Il "Teatro Libero" di Mosca s'inaugura, già, nel 1913. Ed esso è tutto una elaborazione di nuove forme, di nuovi spiriti, in tutti i generi, dal dramma all'opera al balletto. Maestro di questa tecnica audace, che rompe le tradizioni, è Margjanoff. Il regime rosso apre poi il passo alle realizzazioni della fase odierna: diciamo al Teatro Rivoluzionario. E l'arte di classe. Nel teatro, nel cinema, nel romanzo...

Spieghiamo un poco. Fin dal 1849, Riccardo Wagner, il grande genio musicale tedesco e grande socialista, aveva ammonito: "L'arte contemporanea è completamente asservita al dio Mercurio, al dio degli impostori e delle canaglie, al dio degli strozzini. La vera natura dell'arte contemporanea è quella di essere una industria: il suo fine morale è il lucro, il suo pretesto estetico è di distrarre coloro che s'amoiano".

I bolscevichi hanno precisato questa tesi: il teatro moderno esprime le idee e la vita sentimentale di particelle ridottissime della società umana. Le grandi masse vi sono estranee. I loro sentimenti non vi sono riflessi, non vi trovano eco. Bisogna trasformare, realizzare un'arte nuova accessibile, rispondente alla collettività.

Questa la tesi, che ci siamo limitati, semplicemente, a riferire. In base ad essa, Meyerhold ha inaugurato il teatro rivoluzionario. Tecnica, macchinismo, bio-meccanica si sono sviluppati. E, oltre la trasformazione esteriore, il capovolgimento spirituale dei lavori? revisione del vecchio repertorio classico, creazione del nuovo genere con prevalenza all'azione delle masse, specie nelle produzioni specificamente a tesi politica, antireligiosa, socialista. da rappresentarsi in teatri all'aria aperta, in campagna, nei clubs operai, ecc. Tipo di spettacolo del genere, "La presa del Palazzo d'Inverno".

Dal teatro al cinema — sul quale già avemmo occasione di intrattenere brevemente i lettori della Difesa — sussiste lo stesso parallelismo d'innovazione. E, per ciò che ci è stato dato di poter constatare — anche prescindendo da considerazioni politiche — la Russia è riuscita, tecnicamente e artisticamente, a superare di gran lunga nelle sue produzioni cinematografiche, qualsiasi altro paese.

Infine, anche la "letteratura proletaria" ha dato i suoi primi risultati. Per

citare qualche romanzo a noi noto, citeremo, "Il Cemento" di Fedor Gladkov, "Il Torrente di Ferro" di Serafimovic, "Nel cul di sacco" del dottor Lebedinsky e il "Brucio Parigi", di Bruno Giasiensky. Nostra impressione è che si sia ancora — in letteratura — alla fase sperimentale. Ma che già, oltre le promesse, si sia sulla via di buone realizzazioni.

Naturalmente, quest'ultimo cenno, cinematografico e letterario non si riferisce al compendio teatrale di cui davamo qualche riferimento, ma l'abbiamo ritenuto non opportuno per la migliore comprensione del fenomeno "arte proletaria" manifestatosi non solo nel teatro ma nel cinema, nel romanzo, in poesia e nel giornalismo stesso. Ma di queste altre forme diremo, forse, in altra occasione.

Concludiamo per ora, intorno al Teatro Russo Contemporaneo di Nina Gurfinkel, rilevando che, anche al punto di vista organico e documentario, esso è un lavoro utile e interessante a quanti seguono l'evoluzione del teatro in genere, e di quello russo in specie, e — ancor di più — a quanti, obiettivamente e con fondati elementi, vogliono formarsi un giudizio sulle conseguenze spirituali e artistiche — negli autori, negli attori e nel pubblico teatrale — della Rivoluzione Russa.

La stampa illegale della concentrazione

La Concentrazione sviluppa in Italia una attività illegale sempre più intensa. Ne fanno fede numerose pubblicazioni stampate su carta apposta, leggerissime di piccolo formato, più adatte quindi a poter essere diffuse, che in questi ultimi mesi sono state largamente distribuite nelle città e nelle campagne, anche a mezzo di automobili (segnalate, per esempio, a Genova e a Milano), che, a grande corsa, percorrono le vie, lanciando i nostri giornali e, quindi, si sottraggono velocemente alle arrabbiate ricerche dei fascisti, rimasti con un palmo di naso.

Le seguenti pubblicazioni sono pervenute sino... alla fontannissima "Difesa" e noi siamo ben lieti di poterle far cenno:

IL PATTO D'UNIONE E D'AZIONE, testo integrale del Patto, già noto ai nostri lettori, stampato su quattro paginette, sotto la testata della "Concentrazione di Azione Antifascista", e recante le firme di tutti i delegati rappresentanti il Partito Socialista, il Partito Repubblicano, la Lega dei Diritti dell'Uomo e la Confederazione Generale del Lavoro.

AVANTI!, numero speciale del giornale del Partito Socialista, contenente alcuni articoli di propaganda per i lavoratori.

BATTAGLIE SINDACALI, organo della Confederazione del Lavoro, aderente alla Federazione Sindacale Internazionale di Amsterdam; ce tiene il Manifesto di questa per la lotta a fondo del proletariato contro il fascismo, altri appelli, articoli e dimostrazioni documentarie dello stato di schiavismo in cui è caduta la classe operaia italiana.

ALTRE PUBBLICAZIONI

AL DI LA' DEL CAPITALISMO E DEL SOCIALISMO, di Arturo Labriola, Casa Editrice "Repubblica", 103, rue du Faubourg Saint-Denis, Paris, 10me. (Volume di 344 pagine, 20 franchi).

Ci limitiamo, per ora, al paro e semplice annuncio, che — come tutte le opere di Labriola — quest'ultimo libro richiede la più attenta lettura.

Non mancheremo, in seguito di esprimere anche noi il nostro modesto parere sull'esame che l'Autore fa, nel suo studio, dei problemi economici odierni in rapporto alle teorie socialiste e delle loro esperienze.

MAZZINI, di Carlo Sforza. Riceviamo dalla Svizzera il testo della Conferenza tenuta dall'on. Sforza, sotto gli auspici della "Dante Alighieri" raccolto in elegante opuscolo. Non mancheremo di riportare e chiarire alcuni brani fra i più interessanti.

DIE WELTBUEHNE (La Scena Mondiale) — Il numero 11 di questo "quaderno" (edito a Berlino) è particolarmente interessante, essendo in buona parte dedicato alla propaganda antifascista.

REPUBLICA NA HESPAÑIA, di Zeferrino Oliva, edito nella Tipografia di "Oeste Paulista", in Santo Anastacio.

E' un altro buon contributo del nostro attimo amico alla campagna antifascista. L'opuscolo, largamente diffuso a Santo Anastacio, fra lavoratori spagnoli, portoghesi e italiani, è stato pure distribuito da noi a molti lettori della "Difesa", cui l'autore volle farne dono — gratuitamente — di numerosissime copie.

SAMARITANA, poemetto di Paolo Pajano, Tipografia di "O Cravinhos", Cravinhos, 1931.

Dr. Gudulo Bornacina
AVVOCATO
Rua do Carmo, 25, sale 7 e 8
SAN PAOLO

"A BOTANICA"
IRMOS CRUTTI Ltda.
Sortimento de plantas medicinaes e Drogas diversas. Essencias de todas as qualidades. Papéis pergaminhos, Laminas de estanho, etc.
Rua 25 de Março, 96 - A
(Mercado)
Telephone 2-187 - S. PAULO



DOPO L'ELEZIONE PRESIDENZIALE IN FRANCIA (Considerazioni per gli italiani)

(Nostro collaboratore da Parigi)

La recente elezione del nuovo Presidente della Repubblica ha dato luogo in Francia ad una vivace battaglia politica, che ha interessato al massimo grado tutti i Partiti e che ha ancor oggi le vive ripercussioni. Non è esagerato affermare che l'elezione presidenziale sarà un argomento di vivacissima polemica per le elezioni politiche che avranno luogo nel 1932.

Due candidati erano in lizza. Aristide Briand, designato come il "candidato di sinistra", e Paul Doumer, attuale ministro degli Esteri, sostenuto dai partiti di destra, ivi compresi i socialisti. Paul Doumer, presidente del Senato, sostenuto dalle destre. Nei giorni precedenti l'elezione, Aristide Briand fu designato come il "candidato di sinistra". La sua frase: "Finché la patria non è libera, non vi saranno vacanze", era sul labbro di tutti. Era noto infatti che l'elezione di Aristide Briand avrebbe significato la consacrazione ufficiale della politica di pace, di avvicinamento della Società delle Nazioni, di avvicinamento franco-tedesco, di disarmo reciproco da vari anni dal Ministero degli Esteri, che è anche — non per uomini francesi, ma per designazione unanime delle Nazioni aderenti — presidente della Commissione per l'Unione Europea.

Paul Doumer — criticato da molti per il suo passato di perpetuo avversario della sinistra (essendo lui candidato alla Presidenza della Repubblica contro Briand ed alla Presidenza della Camera contro Briand) — era il candidato delle destre sostenuto dal gruppo Maritain, corrente destra della Camera, da Cely, da quelli dell'*Italia Francese*, da tutti coloro che chiedono una politica più "forte" nei riguardi soprattutto della Germania. Forse senza volerlo, forse avendo più alleati di quanti se avesse desiderati, Paul Doumer, per il fatto stesso di opporsi a Briand — candidato della Pace — apparve a molti come il contrario, o quasi.

Era da prevedersi — e così erroneamente prevedono coloro che spingono Briand, rifiutando ad accettare la candidatura — che il ministro degli Esteri, la cui politica era stata sempre approvata a grande maggioranza dalla Camera e dal Senato (alla vigilia del Congresso di Versailles Briand ebbe alla Camera una votazione quasi plebiscitaria) sarebbe stato eletto.

Invece, il segreto dell'urna favorì l'abbandono — per usare una parola delicata — di Briand da parte molti. Coloro che avevano votato per Briand nello scrutinio pubblico alla Camera e al Senato, votarono contro di lui — e quindi contro la sua politica — nello scrutinio segreto di Versailles. I voti che mancavano a Briand furono quelli di parecchi radicali, i quali hanno reso così un segnalato servizio alla destra nazionalista.

Ritirati dopo il primo turno, Briand — ad elezione di Doumer facilmente avvenuta al secondo — ha presentato le dimissioni da Ministro degli Esteri. È andata a Ginevra solo per non lasciare all'improvviso la Conferenza Europea da lui voluta e creata. Al suo ritorno — forse prima che si chiuda la sessione della Società delle Nazioni — egli manterrà senza dubbio le dimissioni. Questo almeno è il consiglio instabile che gli dà la stampa che gli è vicina.

Lontano dal Ministero degli Esteri, Aristide Briand — la cui popolarità, per un fenomeno strano e comprensibile nello stesso tempo — è aumentata notevolmente dopo il suo insuccesso — continuerà nella sua lotta per la pace.

Quando parti per Ginevra c'era folla a salutarlo alla stazione. Quando tornerà ci sarà tutto il popolo di Parigi a gridargli la sua simpatia e la sua volontà di pace. E se egli — come ha lasciato capire — si metterà, nella Camera — nel Paese, a fare un apostolato di pace, avrà quest'anno, alle elezioni politiche, tutta la Francia con sé. E le destre registreranno senza dubbio la loro più grande vittoria.

E ora questo Briand? I suoi amici lo assicurano. E noi vogliamo crederlo, perché ciò è nell'interesse stesso della pace.

Questa la cronaca. Ed ora, alcune considerazioni suggerite ad un italiano che non vuol mettere il naso nelle cose di Francia, ma che vuol trarre dall'esperienza di un grande paese democratico qualche insegnamento che potrà servire, in un non lontano domani, alla Repubblica che dovrà pur sorgere in Italia.

Prima osservazione. Il Presidente della Repubblica francese non viene eletto con suffragio diretto, plebiscitario, dal popolo, come avviene per esempio in Germania. Lo eleggono, riunite in Congresso o Assemblea Nazionale, le due Camere. Che cosa è avvenuto quest'anno? Che la Camera e agonizzante. E' al termine della legislatura e non ha più che pochi mesi di vita. L'anno prossimo ci sarà una nuova Camera — orientata, secondo iaceli previsioni, molto più a sinistra dell'attuale — che non avrà contribuito per nulla ad eleggere il Presidente e che dovrà accettare un Presidente eletto "in extremis" da una Camera che non c'è più. E questa situazione durerà sei anni, cioè quasi un intero "settennato" presidenziale.

Avendo da qualunque considerazione sulla persona del nuovo Presidente eletto — e sul modo con cui è avvenuto quest'anno il Congresso di Versailles, appare a tutti evidente che questa situazione è assurda.

Come ripararsi? In un modo solo: facendo coincidere l'elezione del Presidente con l'elezione della Camera in modo che Presidente e Camera sia espressione di una stessa opinione popolare. Non parliamo del Senato, per il quale noi siamo contrari — parliamo sempre senza particolare riferimento alla Francia, ma mettendoci sul terreno obiettivo di un esame degli istituti democratici che ci interessano — al sistema della elezione "per terzi" come avviene in Francia, con suffragio non universale, ma di secondo grado. Noi siamo favorevoli alla Camera politica unica, assistita da una Camera di interessi economici, etica, beninteso, non come la Camera Corporativa fascista, ma dal suffragio universale delle varie categorie. Ma se vi devono essere due Camere, o una Camera e un Senato, esse devono essere elette magari in epoche diverse, ma ciascuna per intero in una sol volta e col voto diretto di tutti i cittadini.

Dunque: coincidenza della elezione presidenziale con la elezione della Camera politica. Altrimenti vi può essere discordanza tra i due poteri, come avverrà l'anno prossimo in Francia.

Secondo: chi deve eleggere il Presidente? La Assemblea Nazionale o il popolo, direttamente, come avviene in Germania?

Noi siamo per la elezione popolare diretta.

Coloro che sono di diverso parere esprimono il timore che il voto diretto possa dar luogo a dittatura, a "bonapartismi", a governi personali convalidati dalla Nazione. Noi vediamo questo pericolo solo per le Repubbliche giovani, appena sorte, e per esse siamo favore-

velli — per le prime due elezioni presidenziali, non oltre — alla elezione di secondo grado, attraverso un Congresso o Assemblea Nazionale. E ciò sebbene il sistema dell'elezione diretta, praticato fin dall'inizio in Germania, cioè in un paese distatto dalla sconfitta militare, dalla miseria, dai Trattati troppo severi, dalle lotte politiche violente, non abbia dato luogo a nessun inconveniente. Senza aggiungere che il sistema ha dato buoni risultati in Germania nonostante che il Presidente, ad un certo momento, sia stato un uomo estremamente legato al vecchio regime, come il maresciallo Hindenburg. I tedeschi hanno avuto la fortuna di trovare un Presidente che ha saputo dimenticare il suo passato per servire la Repubblica e rispettare la Costituzione.

Le ragioni che valgono per tutti i paesi per l'elezione presidenziale diretta — valgono poi in modo particolare per la Francia, un paese ove sessanta anni di regime repubblicano hanno consolidato le Istituzioni popolari sì che oggi si possono considerare tali da resistere ad ogni assalto. Una ragione di più è suggerita dalle condizioni politiche attuali. Tutti ammettono in Francia, oggi, che se invece di far eleggere il Presidente a Versailles dai Senatori e dai Deputati riuniti in Congresso, si fosse chiesto il diretto voto popolare, Aristide Briand sarebbe stato eletto trionfalmente, con almeno due terzi dei voti. Perché il popolo francese — che l'anno prossimo eleggerà dei deputati molto più a sinistra di quelli attuali — è veramente convinta che la politica di pace rappresentata bene o male da Briand (bene, perché non c'è ancora nessuno che la rappresenti meglio) è l'unica possibile con la Francia e con l'Europa di oggi.

Queste osservazioni possono servire di base per una discussione anche tra noi italiani. Domani, quando si tratterà di tracciare la Costituzione della nostra Repubblica, questi problemi sorgono di nuovo a noi, tutti in una volta. Li risolveremo tanto meglio se, approfittando dell'esperienza altrui, avremo utilizzato una parte del nostro esilio ad esaminarli ed a preparare le soluzioni.

PARIGI, maggio.

Z. Z.

Ancora adesioni e solidarietà per la commemorazione internazionale di Matteotti

Il Comitato Brasiliano di Concentrazione della Lega Antifascista ha ricevuto, dopo la imponente manifestazione indetta il dieci giugno alla Lega Lombarda, nuove attestazioni di solidarietà da organismi esteri, a noi fraternamente uniti nella nostra campagna di libertà.

Ci compiaciamo di ricordare, fra le altre, l'adesione dell'oratore brasiliano, l'illustre prof. João Felizardo Junior, che, impossibilitato all'ultimo momento a presenziare alla commemorazione, ci trasmise il seguente telegramma:

Impedito comparere, presente spirito, coraçao, commemoração Matteotti — João Felizardo.

Ricordiamo pure la Delegazione Spagnuola che, al seguito del suo Presidente, sig. Antonio Regos, espresse ai dirigenti della Concentrazione il suo saluto fraterno e solidale.

Inoltre, ultima graditissima visita, resa alla "Difesa", quella del Cap. João Sarmiento Pimentel —

dall'Italia in catene

Antifascisti evasi dell'Italia in una barchetta a remi!

Una nota dell'United Press, che abbiamo avuto occasione di leggere soltanto nella stampa nord-americana, informa che cinque profughi politici partirono dall'Italia per sfuggire all'inferno fascista.

Essi si imbarcarono a Livorno, compiendo una avventurosa traversata durata quarantaquattro ore, su una barchetta a remi. Ebbero però la gioia, dopo tante ansie e pericoli corsi nella loro odissea, di poter riuscire a raggiungere sani e salvi Porto Maginaggio, in Corsica. Do di che si sono diretti a Bastia, capoluogo dell'isola, di dove vorrebbero poi dirigersi a Marsiglia.

Il "Nuovo Mondo", il battagliero quotidiano antifascista di New York, pubblicando la notizia, aggiunge di non poter dare, almeno per alcuni giorni, i particolari della gesta e i nomi dei cinque amici evasi dalla grande galera, per evidenti ragioni di prudenza nei riguardi di coloro che generosamente cooperarono alla drammatica fuga.

E' morto un gerarca!

TRIESTE, maggio. — E' morto in questa città, in seguito a malattia, il segretario dei sindacati fascisti di Trieste e pseudo deputato Lino Domeneghini.

Non è ben noto quale fosse il vero nome di costui. Pare che egli provenisse dalla malavita bresciana. La verità è che a Brescia egli aveva compiuto, prima della marcia su Roma, un numero incredibile di rapine e di aggressioni, in seguito alle quali aveva subito sei condanne, e altri sette processi erano stati iniziati contro di lui.

Il sedicente Domeneghini, che aveva circa quarant'anni, secondo lo stato civile assunto non avrebbe avuto che trentadue anni, e sarebbe stato volontario di guerra e ferito. Anzi la sua morte sarebbe dovuta a un'iniezione provocata da postumi delle ferite. Probabilmente egli aveva assunto il nome di qualche autentico volontario morto in guerra.

Il Domeneghini era stato segretario di Augusto Turati.

Bastonati in prigione

COMO, maggio. — Sabato 16 corrente a Cernobbio, sul lago di Como, una comitiva di giovani, al Ristorante Centrale, stava cantando canzoni popolari, quando una squadra di militi fascisti impose loro di far silenzio, perché solo i canti fascisti sono permessi in pubblico. Accolti a suon di pugni, i fascisti scappavano a gambe levate, e il capomanipolo Casartelli nel fuga cadeva ferendosi al naso.

Accorso i carabinieri che arrestarono i giovani traducendoli alle carceri ammanettati. Poco dopo giungevano alle carceri i fascisti, che si fecero aprire dai carabinieri le porte delle celle e percossero a bastonate i giovani che i carabinieri aveva lasciati ammanettati perché non potessero difendersi.

Il ridicolo bluff del prestito fascista

"L'Italia non ha chiesto prestiti all'estero! Anzi gliene avevano offerti, e li ha rifiutati! L'Italia fu da sé! Si sono raccolti sette miliardi! E poi sette miliardi e mezzo! E poi otto miliardi! Tanti miliardi, che se ne sono dovuti restituire due ai sottoscrittori! Ce n'erano di troppi!"

Queste le solite fanfaronate ducesche che le Agenzie ufficiali assodate e gli scribi mercenari hanno diffuso per settimane e settimane.

Che successo!

Senonché, osservate, osservate un po' attentamente lo specchietto che segue, contenente la lista dei principali Istituti di Credito — Banche, Banche Popolari e Casse di Risparmio obbligati dal governo fascista a sottoscrivere il prestito con la cifra segnata a fianco di ognuno.

Osservate, ad una ad una, le cifre parziali e il totale delle somme:

Banca d'Italia	965 milioni
Credito Italiano	1.127 "
Banca Commerciale Italiana	1.038 "
Banco di Napoli	701 "
Banca Nazionale del Lavoro	652 "
Banco di Roma	380 "
Cassa di Risparmio delle Province Lombarde	401 "
Banca Popolare di Novara	220 "
Banco di Sicilia	142 "
Istituto di Credito Marittimo	167 "
Opera di San Paolo di Torino	91 "
Casse di Risparmio del Piemonte	126 "
Casse di Risparmio della Toscana	93 "
Cassa di Risparmio delle Venezie	141 "
Totale	6.244 milioni

Il totale dà la bella somma di L. 6.244.000.000 (sei miliardi e duecentoquarantamila milioni).

E non è ancor finito.

Aggiungete a questi 6 miliardi e 244 milioni le sottoscrizioni degli altri enti minori, che riceveranno pure l'imposizione di sottoscrivere con cifre proporzionate alla loro potenzialità e le bugie ugualmente imposte ai maggiori capitalisti, e... troverete ben facilmente anche sette, otto miliardi.

Senonché, occorre poi osservare:

1) Che buona parte delle sottoscrizioni di cui al prospetto corrispondono agli importi dei buoni del tesoro in possesso delle banche e che le banche stesse hanno svenato impegnarsi a non ritirare alla scadenza, vale a dire a trasformarli in titoli del nuovo prestito;

2) che i sottoscrittori... non è versare;

3) che i due miliardi "restituiti" corrispondono appunto alle somme fatte sottoscrivere... decorativamente in sostanza, non entrati e, quindi, neppure resi.

Ora, deducendo dal totale i 4 miliardi e più di buoni che sono trasformati in prestito, i due miliardi... restituiti, le somme (chi sa quante!) fatte figurare ma non versate e, infine, le spese d'emissione, di commissione e di pubblicità, a che cosa si riduce il Prestito?

A nulla. Al solito clamoroso bluff, clamorosamente sgonfiato. Alla insolubilità di fronte alla scadenza dei buoni del tesoro, trasformati obbligatoriamente, di fatto, in altri pezzetti di carta straccia. Alla bancarotta economica. Cui seguirà fra breve la bancarotta politica, il disastro. E così sia.

L'azione dell'O. V. R. A.

MILANO, maggio. — Su denuncia dell'O. V. R. A. è stata a lungo perquisita l'abitazione dell'ex deputato cattolico conte Jacini, sospettato di aver avuto rapporti col professor Moulin.

Contro de Rosa e Bassanesi

BRUXELLES, giugno. — Il governo italiano ha fatto dei passi per impedire che De Rosa, il quale, avendo tenuto sempre ottima condotta, dovrebbe venir liberato proprio in questi giorni, avendo scontato un terzo della pena, possa beneficiare di questo provvedimento della legge belga. Non si conoscono ancora i risultati di questa manovra.

Invece si sa già che il governo belga ha rifiutato di espellere Bassanesi dal suo territorio, malgrado la richiesta del governo fascista, che accusa il giovane aviatore di aver avuto rapporti col professor Moulin.

GRANDE BAR "CIDADE MUNCHEN"

FUSS & HOLZE

Completo sortimento de bebidas finas, conservas nacionaes e estrangeiras, manteiga, salames e presuntos — Casa de moihados finos de primeira ordem.

Ladeira dr. Falcão n.º 2-A e 2-B — S. PAULO

Concertos todas as noites — Telephone 2-0865

OFFICINA DE ELECTRICIDAD

HERNANDES CEVENINI

Telephone 2-8881

LADEIRA DA MEMORIA N.º 6

Especialistas em radio e gabinetes de Electricidade medica em geral

SAN PAULO

